

HAROLDO DE CAMPOS

Konstantinos Kaváfis À ESPERA DOS BÁRBAROS

- Que esperamos, reunidos na ágora?

É que hoje os bárbaros chegam.

- Por que tanta abulia no Senado?
Por que assentam os Senadores? Por que não ditam normas?

Porque os bárbaros chegam hoje.
Que normas vão editar os Senadores?
Quando chegarem, os bárbaros ditarão as normas.

- Por que o Autocrátor levantou-se tão cedo
e está sentado frente à Porta Nobre da cidade
posto em seu trono, portando insígnias e coroa?

Porque os bárbaros chegam hoje.
E o Autocrátor espera receber
o seu chefe. Mais do que isto, predispôs
para ele o dom de um pergaminho. Ali
fez inscrever profusos títulos e nomes sonoros.

- Por que nossos dois cônsules e os pretores saíram
esta manhã com togas rubras, com finos bordados de agulha?
Por que essas braçadeiras que portam, pesadas de ametistas,
e os anéis dactílicos lampejando reflexos de esmeralda?
Por que ostentam hoje os cetros preciosos,
esplêndido labor de cinzel, amálgama de ouro e prata?

Porque os bárbaros chegam hoje
e toda essa parafernália deslumbra os bárbaros.

- Por que nossos bravos tribunos não acodem como sempre, a blasonar seu verbo, a perorar seus temas?

Porque os bárbaros chegam hoje,
e eles desprezam a oratória e a logorréia.

- Por que de repente essa angústia,
esse atropelo? (Todos os rostos de súbito sérios!)
Por que rápidas se esvaziam ruas e praças
e os antes reunidos retornam atônitos às casas?

Porque a noite chegou e os bárbaros não vieram.
E pessoas recém-vindas da zona fronteira
murmuram que não há mais bárbaros.

E nós, como vamos passar sem os bárbaros?
Essa gente não rimava conosco, mas já era uma solução.

KAVÁFIS: MELOPÉIA E LOGOPÉIA

Há muito andava com vontade de traduzir (“transcriar”) este poema de K. P. Kaváfis, desde que adquiri, em 1975, numa livraria de Atenas, a edição em 2 vols., aos cuidados de G. P. Savvídis, dos *Poimata (Piimata)* do poeta alexandrino, que eu conhecia, sobretudo, através do pioneiro ensaio de C. M. Bowra em *The Creative Experiment* (1949). Aproximei-me de seu texto, tateante, tentando decifrar-lhe os caracteres, depois de ter comprado em Milão, na seqüência da mesma viagem, a edição bilíngüe das *Poesie*, na tradução de Filippo Maria Pontani. Sem conhecimento do grego moderno, pela via oblíqua dos meus rudimentos de grego clássico (hauridos, já faz anos, em memoráveis lições de fim-de-semana, graças à boa vontade do meu amigo, então muito jovem, Francisco Achcar), minha idéia, poundianamente, era restituir uma imagem fônica (“melopaica”) do que me soava como sendo o idioma poético de Kaváfis, algo entre o Yeats de “Sailing to Byzantium” e “Byzantium” e o Pessoa de certos sonetos de “Passos da Cruz” (“Adagas cujas jóias velhas galas/(...) O convés sem ninguém cheio de malas...”), com ingredientes da poesia coloquial-irônica do primeiro Pound e do primeiro Eliot (sem falar da comum herança

simbolista, já que se tratava, como referia Bowra, de um poema “escrito antes de 1911”). Mais recentemente, pude voltar ao assunto, já tendo então à disposição, além da tradução italiana, uma alemã, de Helmut von den Steinen; duas espanholas, uma de Lázaro Santana, publicada em Madri, outra de Francisco Rivera, venezuelana; uma para o inglês, de Rae Dalven; duas para o nosso idioma: a portuguesa, de Jorge de Sena, e a brasileira, de José Paulo Paes, esta última parte do amoroso e competente trabalho que constitui os *Poemas* de Konstantinos Kaváfis, traduzidos pelo poeta de *Anatomias* a partir do original grego (Nova Fronteira, 1982).

Minha opção, como se verá, diverge das demais. Atenta radicalmente para a camada fônica do original e tenta “mimá-la” em português, ainda que, para tanto, aqui e ali, force e interprete arbitrariamente (apenas na aparência?) o texto de Kaváfis. Obter a “melopéia”, “fingir” a sonoridade grega, é a meta. Assim: *nómos* é traduzido por “norma”, não por “lei”, e um jogo entre “ditar” e “editar” busca recuperar a presença iterativa de *nómos* no verbo para “legiferar” (*nomothetó*); *Aftokrátor* (Imperador) é transliterado em português, e dá “Autocrátor”; “posto em seu trono, portando insígnias e coroa” procura soar como: *stón thróno epáno, epísimos, foróndas tin koróna* (“insígnia” é extraído de *epísimos*, “insigne”, “ilustre”, “assinalado”, seguindo uma sugestão do dicionário, que registra *epision* como “bandeirola”; *foróndas*, de *foró*: “portar” no sentido de “vestir”); “profusos títulos e nomes sonoros” quer responder a *títlus pollús ki onómata*; a locução adverbial “mais do que isto” contém, aproximativamente, o recorte fônico do advérbio grego *málista* (“antes”); a cadência solene do verso 15 (onde ocorre a menção a “títulos” e “NOMes sONOrs”/*onómata*) foi preparada, como no original, por um corte abrupto incidindo no advérbio de lugar: “Ali”/*Ekí*. Acentuei, na configuração dos versos 16-21, a pauta sonora simbolista, numa vertente mallarmaico-orientalizante: “togas rubras, com finos bordados de agulha” (notar a assonância rUbrA/agUlhA) replica a *me tes kókkines, tes kendiménes tóyes*, extraindo a idéia de “pontos de agulha” de *kéndima*, que significa “punctura” (de agulha ou objeto agudo) e “recamo”, donde *kendiménos*, “recamado”; “braçadeira” foi a melhor transposição que encontrei para *vraçhiólia*, palavra que poderia ser traduzida cursivamente por “braceletes”; fujo, assim, do sentido de “pulseira” que assume o vocábulo “bracelete” em português, e acentuo a idéia de *vraçhíon*, braço, contida no subst. grego e a imagem visual, que me ficou, de algo como uma jóia emblemática do cargo, a ser portada no antebraço, além do jogo aliterativo que reforça a idéia de riqueza e de peso: “Por que essas braçadeiras que porta (*vraçhiólia fóresan*), pesadas de ametistas?”; não esquecer que, em português, “bracelete” tem um sufixo que indica o diminutivo; *ke dhakhtylidia me lambá, yalisterá smarághdhia* / “e os anéis dactílicos lampejando reflexos de esmeralda”: *dhakhtylidhion* é “anel”; no grego antigo, *daktylikós* significa “que se leva no dedo (pedra preciosa num anel)”; temos em português os grecismos “dactílico” e “dactilino”, além dos numerosos termos técnicos formados a partir de “dátilo-”; por que não aclimatar o adjetivo em nosso idioma, recapturando a sonoridade kavafiana? foi o que fiz, recolhendo a seguir, em “lampejando”, a sugestão fono-etimo-

lógica de *lambá* (em grego moderno, *lambós* significa “esplêndido”, “luminoso”, de *lám̄ba*, “lâmpada”); *yalisterós* (de *yali*, “vidro”, “cristal”, como no adj. vernáculo “hialino”), significando “reluzente”, sugeriu-me “reflexos” (que incorpora o /l/, o /e/ e o /s/ do original); no verso 21, “amálgama de ouro e prata” responde a *m’asím̄ia ke malám̄ata* /“com de prata e ouro” (literalmente); notar que “amálgama” em português preenche o escopo de “mimar” fonicamente a palavra *malám̄ata* (“ouro”); “esplêndido lavor de cinzel” (observar “lavOR/OuRo”) reproduz *éktakta skalighména*, de *éktatos*, “excelente”, e “cinzelar”, *skálitso*; a tradução italiana diz: “coi bei ceselli tutti d’oro e argento”; a alemã: “mit herrlich graviertem Silber— und Goldwerk”; “e toda essa parafernália” (verso 23) visa a reproduzir o efeito fono-prosódico de *ke tétia prághmata* (“e tais coisas”), de *prághma*, coisa; *ta prághmata*, em grego antigo, pode expressar “as coisas feitas”, “as ações”, “os atos”; “parafernália”, uma palavra que provém etimologicamente do grego, que existe em inglês (“personal belongings”, “articles of equipment”, “accessory items”, cf. Webster), parece-me adaptável ao português corrente, evocando para mim vivamente esta idéia de “congérie”, de “acumulação de coisas” (“questa roba”, lê-se na versão italiana). Os versos 24-27 pedem, a meu ver, um tratamento recreativo à base de jargão forense, de fórmulas oratórias pomposas; assim: *áksii rítores* /“bravos tribunus”; “blasonar seu verbo”/ *na vghálune tus lóghus* (“blasonar” é o mesmo que “mostrar com alarde”, “ostentar”; pareceu-me uma boa imagem fônica para o verbo grego *vghállō*, “fazer sair”, “pôr fora”, donde o subst. *vghaltó*, “tumor”, “inchaço”, “erupção”); *effrádia*, “elegância de linguagem”, “eloqüência”, e *dhimighoría*, “discurso público”, “arenga” (em grego antigo, “declamação do rector”, em sentido pejorativo) foram por mim transpostos com as palavras “oratória” e “logorréia”, a primeira oriunda do latim, a segunda do grego; nesta, entra *lógos*, como um lembrete do texto original; “perorar seus temas” (*dhiki*, “causa”, “lide”) obedece ao mesmo paradigma retórico-forense.

Problemas de “gramática da poesia” (Jakobson), que dizem respeito à configuração daquilo que Hjelmslev denomina “forma do conteúdo” e que, como gosto de frisar, pertencem àquela zona de elaboração da linguagem poética que Pound definia com o termo “logopéia” (“a dança do intelecto entre as palavras”), foram resolvidos através da observância dos paralelismos, das repetições com pequenas variações (“ditar/“editar”), dos cortes estratégicos de verso (“Mais do que isto, predispôs”)/*Málista etímase*, verso 13; “Ali/*Eki*, verso 14), do uso de parênteses: “(Todos os rostos de súbito sérios!)”, verso 29. No dístico final do poema, todavia, é que fiz a intervenção “logopaica” mais drástica: retraduzi Kaváfis através de Drummond, citando intertextualmente os conhecidíssimos versos do “Poema de sete faces”: “Mundo mundo vasto mundo, /se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução”. Pareceram-me especialmente apropriados para recriar, com eficácia, o ceticismo irônico destes não menos famosos versos do moderno poeta alexandrino. Os cultismos léxicos, levados até a neologia, que visam a “grecizar” o português, “estranhando-o” ao influxo do idioma de Kaváfis (lição de R. Pannwitz *via* W. Benjamin), têm aqui, como recíproca, o “despauamento” do original, recontextualizado

por sua vez na ambiência da tradição literária de nossa língua, com o recurso à dicção, sob certos aspectos congenial, do poeta de “E agora, José?”. Movimento pendular da “transcrição”. Da “parafonia” (mímese do som) à transcontextualização.

Observação: Utilizei-me do *Dizionario Greco Moderno/Italiano; Italiano/Greco Moderno*, de Eliseo Brighenti; para o grego antigo, do *Dictionnaire Grec/Français*, de A. Bailly; para melhor evidenciar os exemplos fônicos, procurei transcrever a pronúncia das palavras gregas modernas, valendo-me dos subsídios de dois manuais: S. A. Sofroniou, *Modern Greek*; J.-L. Chérel e H. Ioannidi, *Le Grec sans peine*; conferi, também, as notas sobre pronúncia da *Grammatica della lingua greca moderna*, de Romeo Lovera. Qualquer inexatidão, obviamente, vai à conta do meu confesso “amadorismo” em relação à matéria, que espero, no entanto, ter conseguido justificar e resgatar “transpoeticamente”. Quanto ao aproveitamento alusivo dos versos de Drummond, gostaria apenas de referir que sigo um paradigma conspícuo: Odorico Mendes, quando lhe parecia cabível, recorria à interpolação de versos de Camões, Francisco Manoel de Melo, Antônio Ferreira, Felinto Elíseo para verter passagens homéricas (ver “Da tradução como criação e como crítica”, *Métalinguagem*, Cultrix).

